

CICATRIZES DA SALA DE AULA: O TDAH INVISÍVEL E A IMPORTÂNCIA DA CAPACITAÇÃO DOCENTE PARA A INCLUSÃO

Frederico Rodrigues de Sousa Júnior

Graduado em Recursos Humanos; Estudante de Licenciatura em Matemática e Especialização em Gestão Escolar. E-mail: fredericorsj@gmail.com

Josicleia Gomes Nunes Rodrigues

Mestranda em Tecnologias Emergentes da Educação; Licenciada em Artes Visuais e Pedagogia; Especialista em Arteterapia, Educação Profissional e Tecnológica e Psicopedagogia Institucional e Clínica; Estudante de Licenciatura em Letras – Português e Inglês; Especialização em Formação de Professores de Arte para uma Escola das Adolescências e Atendimento Educacional Especializado. E-mail: josign001@gmail.com

ÁREA TEMÁTICA: Ciências Humanas

RESUMO: Este artigo tem como objetivo discutir a importância da capacitação docente para a inclusão de alunos com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) no contexto da educação básica. Parte-se da compreensão de que, muitas vezes, os sinais desse transtorno passam despercebidos ou são interpretados de maneira equivocada pelos professores, o que gera impactos significativos no processo de ensino e aprendizagem. A ausência de metodologias inclusivas e de práticas pedagógicas adaptadas contribui para que esses alunos sejam rotulados como desatentos, indisciplinados ou desinteressados, quando, na realidade, enfrentam desafios neurobiológicos que comprometem sua atenção, organização e controle dos impulsos. A pesquisa tem natureza qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica, com base nos estudos de Sousa e Diascânio (2018), Lacerda (2014) e Medeiros (2022), além de um estudo de caso que ilustra, na prática, como a falta de preparo docente pode deixar cicatrizes emocionais e pedagógicas duradouras na vida escolar e pessoal do estudante. Assim, percebe-se que a formação continuada é indispensável para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que realmente contemplem a diversidade, garantindo não só o acesso, mas também a permanência e o sucesso dos alunos com TDAH no ambiente escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Inclusiva. Práticas Pedagógicas. Neurodiversidade.

CLASSROOM SCARS: THE INVISIBLE ADHD AND THE IMPORTANCE OF TEACHER TRAINING FOR INCLUSION

ABSTRACT: This article aims to discuss the importance of teacher training for the inclusion of students with Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) in the context of basic education. It is based on the understanding that, often, the signs of this disorder go unnoticed or are misinterpreted by teachers, which generates significant impacts on the teaching and learning process. The absence of inclusive methodologies and adapted pedagogical practices contributes to these students being labeled as inattentive, undisciplined or disinterested, when, in reality, they face neurobiological

challenges that compromise their attention, organization and impulse control. The research is qualitative in nature, based on a bibliographic review, based on the studies of Sousa and Diascânio (2018), Lacerda (2014) and Medeiros (2022), in addition to a case study that illustrates, in practice, how the lack of teacher preparation can leave lasting emotional and pedagogical scars in the student's school and personal life. Thus, it is clear that continuing education is essential for the development of pedagogical practices that truly contemplate diversity, ensuring not only access, but also the permanence and success of students with ADHD in the school environment.

KEYWORDS: Inclusive Education. Pedagogical Practices. Neurodiversity.

INTRODUÇÃO

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), é um transtorno do neurodesenvolvimento que se manifesta, principalmente, por meio da desatenção, hiperatividade e impulsividade, interferindo diretamente nas funções executivas, que são responsáveis pela organização, planejamento, foco e controle dos impulsos. Segundo a literatura especializada, o TDAH não está relacionado à falta de inteligência ou de interesse, mas sim a um funcionamento diferenciado do cérebro, que impacta significativamente as atividades acadêmicas, sociais e profissionais dos indivíduos afetados.

Na prática escolar, esses alunos enfrentam sérias dificuldades para acompanhar as atividades que exigem atenção prolongada, memorização e organização, o que os torna especialmente vulneráveis à exclusão quando não há compreensão adequada por parte dos educadores. Diante desse cenário, a problematização surge no fato de que, muitas vezes, os sinais do TDAH passam despercebidos pelos docentes, especialmente por falta de formação e de conhecimento específico sobre o transtorno. Isso faz com que esses alunos sejam frequentemente rotulados como desatentos, preguiçosos, desinteressados ou até mesmo indisciplinados, quando, na verdade, estão lidando com limitações neurobiológicas. A invisibilidade do transtorno no ambiente escolar compromete o processo de ensino e aprendizagem, deixando cicatrizes emocionais profundas, fruto de uma educação que, ao invés de acolher, marginaliza, pune e exclui.

Diante desse contexto, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a importância da capacitação docente para a efetiva inclusão de alunos com TDAH na educação básica. Pretende-se compreender como a falta de conhecimento sobre esse

transtorno contribui para que ele permaneça invisível dentro das práticas pedagógicas, gerando impactos significativos na trajetória escolar e no desenvolvimento emocional dos alunos afetados. Além disso, busca-se discutir estratégias que possam contribuir para uma prática pedagógica mais inclusiva, sensível e ajustada às necessidades dos alunos com TDAH.

Metodologicamente, este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, do tipo bibliográfica e estudo de caso. A análise bibliográfica fundamenta-se nas contribuições teóricas de Sousa e Diascânio (2018), Lacerda (2014), e Medeiros (2022), que discutem com profundidade as relações entre TDAH, práticas pedagógicas e inclusão escolar. Soma-se a essa análise o relato de experiência de Frederico Rodrigues de Sousa Junior, um adulto diagnosticado com TDAH apenas aos 29 anos, cuja trajetória escolar foi marcada por desafios, exclusões e sofrimento decorrentes da ausência de um olhar sensível e capacitado por parte dos profissionais da educação.

Assim, este estudo visa dar visibilidade ao chamado “transtorno invisível”, refletindo sobre como a falta de preparo docente contribui diretamente para a perpetuação de práticas excludentes no ambiente escolar. A reflexão proposta aqui pretende provocar uma mudança de olhar no campo educacional, reforçando que a construção de uma escola inclusiva exige somente boa vontade, mas formação, conhecimento e sensibilidade para compreender que alunos neurodivergentes, como aqueles com TDAH, não são o problema da escola, mas vítimas de um sistema que ainda não está plenamente preparado para acolher a diversidade humana em sua totalidade.

O TRANSTORNO INVISÍVEL E A IMPORTÂNCIA DA CAPACITAÇÃO DOCENTE PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM TDAH

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), ainda é considerado em muitos contextos escolares, um transtorno invisível, pois na maioria das vezes seus sinais não são facilmente identificados ou, pior, são interpretados de maneira equivocada por docentes que carecem de formação adequada para compreender as especificidades desse transtorno. A dificuldade em reconhecer os indícios do TDAH faz com que muitos alunos sejam constantemente rotulados como desatentos, preguiçosos ou

indisciplinados, quando na realidade estão lidando com desafios neurobiológicos que afetam diretamente sua capacidade de organizar, manter a atenção e controlar impulsos.

Sousa e Diascânio (2018), destacam que a ausência de conhecimento teórico e prático dos professores sobre o TDAH favorece a perpetuação de práticas pedagógicas que estão longe de promoverem a inclusão, o que por sua vez acaba gerando um ciclo de exclusão silenciosa. A negligência, em identificar os sinais de transtornos leva os alunos com TDAH a não receberem as intervenções necessárias e são frequentemente punidos por comportamentos que não conseguem controlar.

Tal comportamento ainda que não intencional, provoca impactos profundos no desenvolvimento acadêmico, emocional e social dos estudantes, tendo em vista que a escola, que deveria ser um espaço de acolhimento e promoção da aprendizagem, transforma-se em um ambiente de sofrimento para muitos alunos com TDAH. Medeiros (2022), reforça que, sem uma intervenção pedagógica sensível e ajustada, o processo educativo acaba gerando cicatrizes que marcam negativamente a trajetória desses sujeitos. A constante frustração, os rótulos e as punições se tornam elementos que fragilizam a autoestima e comprometem a relação desses alunos com o saber, gerando uma aversão ao ambiente escolar.

Lacerda (2014), traz uma análise contundente sobre como a falta de preparo dos docentes inviabiliza uma prática inclusiva, o que reforça um modelo educacional excludente. Para o autor, o desconhecimento sobre o TDAH dentro das salas de aula é fruto de uma formação inicial que ainda não contempla, de forma consistente, os estudos sobre neurodesenvolvimento e educação inclusiva. Isso faz com que muitos profissionais não consigam perceber que as dificuldades apresentadas pelos alunos não são escolhas ou desvios de conduta, mas manifestações diretas de um transtorno que exige adaptações metodológicas e acolhimento.

A invisibilidade do TDAH no contexto escolar se expressa, principalmente, na desconsideração das necessidades específicas desses alunos. Sousa e Diascânio (2018), apontam que, muitas vezes, os estudantes são julgados pela dificuldade em copiar, em manter a atenção ou pela inquietação constante, sem que se busque compreender as causas subjacentes desses comportamentos. Essa postura compromete o processo de ensino-

aprendizagem e as possibilidades de desenvolvimento pessoal e acadêmico dos estudantes afetados.

De acordo com Medeiros (2022) a falta de compreensão dos docentes acerca do TDAH não se limita ao desconhecimento do diagnóstico, mas também envolve a ausência de estratégias pedagógicas adequadas. A prática pedagógica ainda é, em muitos casos, centrada em modelos tradicionais, pouco flexíveis e avessos à personalização do ensino. Com isso, o aluno com TDAH é constantemente pressionado a se adequar a uma lógica escolar que não contempla suas necessidades, o que contribui para o aumento do fracasso escolar e da evasão. Nesse sentido, Sousa e Diascânio (2018), explicam que:

Pelas características desse transtorno, torna-se evidente a necessidade de um atendimento educacional diferenciado e, para tanto, a capacitação dos docentes em relação ao tema. Evidencia-se a necessidade dos docentes terem conhecimentos sobre TDAH para desenvolverem metodologias de ensino que possam incluí-los nas atividades durante as aulas, proporcionando não somente a socialização desses alunos, mas também o real aprendizado para desenvolver sua criatividade, senso crítico, raciocínio lógico e o prazer de aprender (Sousa; Diascânio, 2018, p. 4).

A formação continuada dos docentes deve ser compreendida como um imperativo ético e pedagógico, já que a educação inclusiva não se concretiza apenas por meio de leis ou discursos, mas na prática cotidiana da sala de aula, onde o professor, munido de conhecimentos sobre os transtornos e sobre metodologias diferenciadas, consegue construir ambientes de aprendizagem verdadeiramente acessíveis e inclusivos (Lacerda, 2014). Assim, percebe-se a necessidade de transformar a prática, olhar para o aluno na sua singularidade e criar condições para que ele se aproprie do conhecimento de forma significativa.

É preciso compreender que as cicatrizes deixadas por uma educação excludente não se restringem ao tempo escolar, pois, é evidente que a falta de acolhimento durante a trajetória educacional repercute na vida adulta desses sujeitos, que carregam consigo traumas, inseguranças e uma percepção distorcida sobre suas próprias capacidades (Sousa; Diascânio, 2018). Nesse sentido, a capacitação docente via além de uma exigência técnica, consistindo em uma ação que reverbera na construção da identidade, da autoestima e do futuro desses indivíduos.

Cabe ressaltar que ao promover a capacitação docente, não se está apenas formando professores mais preparados, mas também construindo uma escola que seja capaz de acolher a diversidade e de transformar a vida dos alunos (Medeiros, 2022). O enfrentamento da invisibilidade do TDAH começa pela escuta sensível, pelo reconhecimento dos sinais e pela disposição em romper com práticas cristalizadas que insistem em padronizar sujeitos e desconsiderar suas especificidades.

Portanto, é possível afirmar que o TDAH, quando não reconhecido, se torna um transtorno invisível que agrava os desafios escolares e gera feridas emocionais profundas. Entretanto, quando há investimento na formação docente, esse cenário se transforma. Professores preparados conseguem enxergar além dos comportamentos, identificar as necessidades e oferecer caminhos pedagógicos que promovam não só o aprendizado, mas também o desenvolvimento humano, social e emocional dos alunos. A escola, nesse contexto, deixa de ser espaço de dor e se torna, de fato, um lugar de possibilidades, inclusão e transformação.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: O TDAH NA EDUCAÇÃO BÁSICA E A AUSÊNCIA DE CAPACITAÇÃO DOCENTE

Frederico Rodrigues de Sousa Junior, hoje com 30 anos, só teve acesso ao diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) aos 29. Durante toda a sua trajetória na educação básica, conviveu com inúmeros desafios que, na época, não eram compreendidos nem por ele, nem pelos profissionais que o acompanhavam no ambiente escolar.

Naquele período, o desconhecimento acerca dos transtornos neuropsiquiátricos, especialmente o TDAH, fazia com que suas características fossem constantemente interpretadas de forma equivocada. Frederico apresentava sinais claros do transtorno, como inquietude constante, dificuldade em manter o foco por longos períodos, esquecimento recorrente de tarefas e uma enorme dificuldade em copiar textos extensos do quadro. No entanto, esses comportamentos não eram vistos como manifestações de um transtorno, mas sim como sinais de desinteresse, preguiça ou, como frequentemente escutava, "falta de disciplina".

Por diversas vezes, foi punido por não conseguir acompanhar o ritmo das atividades, especialmente aquelas que exigiam cópia ou atenção prolongada. Não era raro ser retirado da sala, ter suas notas comprometidas ou ser rotulado como "bagunceiro" e "aluno problema". As advertências verbais e até escritas tornaram-se parte da sua rotina escolar, o que contribuiu significativamente para abalar sua autoestima e gerar um sentimento constante de frustração.

Sem compreender exatamente o motivo de não conseguir fazer o que parecia tão simples para seus colegas, Frederico cresceu lidando com a sensação de que sempre estava “devendo algo” ao ambiente escolar e às expectativas impostas a ele. A ausência de intervenções adequadas, de metodologias inclusivas e de uma escuta sensível por parte dos professores da época fez com que sua trajetória escolar fosse permeada por marcas emocionais que ele carrega até hoje.

Somente na vida adulta, aos 29 anos, após procurar auxílio profissional por conta das dificuldades que também se refletiam em sua vida profissional e social, recebeu o diagnóstico de TDAH. Esse momento foi, para Frederico, um divisor de águas. Compreender que seus desafios não eram fruto de desinteresse, mas de um transtorno neurodesenvolvimental, trouxe alívio e a possibilidade de buscar estratégias e recursos para lidar com suas limitações e potencializar suas habilidades. Assim, esse relato evidencia a importância da formação continuada dos professores e da construção de uma escola que compreenda a diversidade neurocognitiva de seus alunos, para que histórias como a de Frederico possam ser ressignificadas, não mais pela dor da exclusão, mas pela potência da inclusão e da empatia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos estudos realizados, torna-se evidente que o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), ainda permanece, em muitos contextos escolares, como um transtorno invisível. A ausência de conhecimento específico sobre suas características, bem como a falta de preparo dos docentes para lidar com as necessidades dos alunos diagnosticados com esse transtorno, contribuem significativamente para a construção de uma trajetória escolar marcada por exclusões, rótulos e fracasso escolar.

O que se observa é que muitos professores, ainda atualmente, não adotam metodologias inclusivas, permanecendo presos a práticas tradicionais, inflexíveis e descontextualizadas. Essa postura impacta diretamente não só o desenvolvimento acadêmico dos estudantes com TDAH, mas também sua saúde emocional, social e psicológica, como ficou nítido no relato de Frederico Rodrigues de Sousa Junior. Sua história evidencia as marcas e cicatrizes emocionais deixadas por uma educação que não acolheu suas necessidades específicas, negligenciando a busca por intervenções pedagógicas que poderiam ter transformado sua experiência escolar.

Diante desse contexto, fica evidente que a capacitação docente deve ser entendida como um elemento indispensável para a promoção de uma educação verdadeiramente inclusiva. A formação continuada, que contemple os estudos sobre o neurodesenvolvimento e sobre estratégias pedagógicas específicas para o TDAH, é fundamental para que os professores possam identificar os sinais do transtorno e oferecer intervenções que respeitem a singularidade dos alunos.

Além disso, é necessário repensar o papel da escola, deslocando-a de um espaço que se volta somente a transmitir conteúdo para um ambiente que valoriza a diversidade e promove o desenvolvimento integral de todos os sujeitos. O reconhecimento das diferenças neurobiológicas e das múltiplas formas de aprender deve ser a base para a construção de práticas pedagógicas que possibilitem o acesso ao conteúdo e a permanência, o desenvolvimento e o sucesso escolar de todos os alunos.

Portanto, espera-se que este trabalho contribua para ampliar as discussões sobre a importância da formação docente no enfrentamento do transtorno invisível, assim como incentive educadores, gestores e formuladores de políticas públicas a refletirem sobre práticas mais humanizadas e eficazes. A construção de uma educação verdadeiramente inclusiva passa, inevitavelmente, pela valorização da diferença, pela capacitação dos profissionais e pelo compromisso ético com o desenvolvimento de todos os alunos, sem exceção.

REFERÊNCIAS

LACERDA, Manuela Florenço de. **Percepção dos professores sobre o TDAH e as consequências no processo de alfabetização de crianças**. 2014. Trabalho de Conclusão

SOUSA JÚNIOR, F.R.; RODRIGUES, J.G.N. Cicatrizes da sala de aula: o TDAH invisível e a importância da capacitação docente para a inclusão. Anais – III Congresso Nacional de Educação na Contemporaneidade, Natal/RN, v. 2, n. 1, p. 152-160, mai./2025.

de Curso (Especialização em Psicopedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

MEDEIROS, Maria da Conceição Ferreira de. **Crianças com TDAH: práticas pedagógicas inclusivas**. 2022. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2022.

SOUSA, Leticia Priscila Azevedo de; DIASCÂNIO, José Maurício. **A importância da capacitação de docentes para atender às demandas educacionais de crianças com TDAH**. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CONEDU, 5., 2018, João Pessoa. Anais [...]. João Pessoa: Realize Editora, 2018.

SOUSA JÚNIOR, F.R.; RODRIGUES, J.G.N. Cicatrizes da sala de aula: o TDAH invisível e a importância da capacitação docente para a inclusão. Anais – III Congresso Nacional de Educação na Contemporaneidade, Natal/RN, v. 2, n. 1, p. 152-160, mai./2025.

